Sérgio Paulo

I

Nos Atos dos Apóstolos, capítulo XIII, versículos 4-12, lê-se:

> *E elles, assim enviados pelo Espírito Santo, forão a Seleucia; e d'alli navegárao até Chypre. E quando chegárao a Salamina, pregávão a palavra de Deos nas synagogas dos Judeos. Tinham pois elles tambem a João no ministerio.*

> *E tendo discorrido por toda a ilha até Pafos, achárao hum homem mago, falso profeta, Judeo, que tinha por nome Barjesús, o qual estava com o proconsul Sergio Paulo, varão prudente. Este, havendo feito chamar a Barnabé, e a Saulo, desejava ouvir a palavra de Deos. Mas Elymas o mago (porque assim se interpreta o seu nome) se lhes oppunha, procurando apartar da fé ao proconsul.*

II

> *Porém Saulo, que he tambem chamado Paulo, cheio do Espírito Santo, fixando n'elle os olhos, disse: O' cheio de todo o engano, e de toda a astucia, filho do diabo, inimigo de toda a justiça, tu não deixas de perverter os caminhos rectos do Senhor? Pois agora eis-ahi está sobre ti a mão do Senhor, e serás cégo, que não verás o sol até certo tempo. E logo cahio sobr'elle huma obscuridade, e trévas, e andando á roda buscava quem lhe désse a mão. Então o proconsul quando vio este facto, abraçou a fé, admirando a doutrina do Senhor.*

III

Eis-nos nas pegadas do infatigável Apóstolo das nações. Para nos orientar, travemos primeiro conhecimento com os lugares onde ele vai fazer-nos testemunhas de uma de suas mais gloriosas

conquistas.

De Antioquia, então capital da província proconsular da Síria, Paulo, acompanhado de Barnabé, dirigiu-se a Selêucia: era o ano 46 de Nosso Senhor e quarto do imperador Cláudio.

IV

Selêucia foi a primeira capital do reino da Síria. Deveu seu nome a seu fundador Seleuco Nicanor, um dos generais de Alexandre. Situada em posição vantajosa, na margem direita do Tigre, adquiriu rapidamente grande importância. Como tantas outras glórias, sua glória passou. De Selêucia só restam hoje ruínas. Veem-se nos arredores de Bagdá e são conhecidas pelo nome árabe de Al-Madain.

V

Depois de depositar nesse solo, que mais tarde se tornará fértil, a semente evangélica, Paulo e Barnabé navegaram para a ilha de Chipre, hoje a Kibris dos turcos.

Situada no Mediterrâneo, entre a Ásia Menor e a Síria, a ilha de Chipre é célebre na Antiguidade pela riqueza de seus produtos, pela coragem de seus habitantes, ai!, e pelo culto de Vênus, a quem as três principais cidades, Amatunte, Pafos e Idálio, eram consagradas, isto é, indignamente prostituídas.

Os romanos, comandados por Catão, apoderaram-se da ilha de Chipre no ano 65 antes de Nosso Senhor e fizeram dela uma de suas províncias proconsulares. A partir desse momento, tornou-se morada de várias famílias romanas.

VI

Chegados à ilha, os dois Apóstolos começaram sua missão por Salamina, na costa oriental. Por efeito das revoluções dos séculos e dos povos, essa cidade perdeu até o nome e chama-se hoje Porto-Costanza. Aqui como alhures, Paulo e Barnabé começaram por anunciar o Evangelho aos primogênitos da família humana, os filhos de Israel, espalhados desde as conquistas de Alexandre por toda a face do globo. O fruto de sua pregação era com demasiada frequência uma repulsa obstinada, prelúdio dos terríveis castigos com que Deus devia logo ferir esse povo endurecido.

VII

Abandonando as sinagogas de Salamina, os dois missionários dirigiram-se a Pafos. Essa cidade, hoje Bafa, estava, como Éfeso, Corinto e outras cidades da Grécia, cheia de infâmias sagradas.

Tinha, entre outras, um célebre templo de oráculos e era a residência do procônsul. À chegada de nossos Apóstolos, esse procônsul era Sérgio Paulo, personagem igualmente célebre na história profana e na história sagrada.

VIII

Como seu nome indica, Sérgio Paulo era romano de origem. Pertencia à *gens* Sérgia, uma das mais antigas de Roma, pois Virgílio lhe atribui por autor um dos companheiros de Eneias.[1] Seja como for, vê-se essa família patrícia figurar na história desde os primeiros tempos da Cidade Eterna.

IX

Lúcio Sérgio Fidenas, duas vezes cônsul, ficou célebre pela sangrenta vitória que alcançou sobre os veienses. Um de seus descendentes, Marco Sérgio, serve como tribuno militar no exército de Cipião, onde se faz notar por sua força extraordinária. Depois vem esse Cneu Sérgio Silo, acusado por Metelo Céler e condenado por ter querido corromper uma matrona.

X

Seria longo citar os outros membros mais ou menos conhecidos da *gens* Sérgia. Mas não se pode passar em silêncio o famoso Catilina. Lúcio Sérgio Catilina foi o chefe daquela conspiração que Cícero engrandeceu acima do natural e cujo desfecho foi o estrangulamento dos conjurados na prisão Mamertina.

À mesma família pertencia Cneu Sérgio Aurata, contemporâneo de César, que deveu seu apelido à paixão pelos peixes dourados. Sibarita de primeira ordem, foi o inventor do viveiro de ostras no lago Lucrino, no golfo da voluptuosa Baias. Dessa fonte, que nem sempre foi pura, saíra o procônsul cuja santidade devia, de certo modo, compensar as faltas de seus avós.

XI

Essa criança de bênção nasceu em Chipre, sob o reinado de Augusto. Como o pai, chamou-se Sérgio Paulo. O cognome de Paulo viera à sua família de Paulo Emílio, vencedor de Perseu, que obtivera do senado que todos os seus descendentes se chamassem Paulo.

A tradição refere que Eustórgia, mãe do jovem Sérgio, era uma mulher perfeita e que teve particular cuidado de seu filho. Este, enviado a Roma para seus estudos, distinguiu-se por sua conduta e seus sucessos. Chamou a atenção do imperador Cláudio, que mais de uma vez aproveitou a rara prudência desse jovem e logo o reenviou a Chipre na qualidade de procônsul.

XII

A prudência de que o jovem Sérgio dera prova na corte do imperador não o abandonou no governo de sua província. São Lucas lhe dá testemunho de que se distinguia sobretudo por essa virtude. Para um homem razoável, o primeiro efeito da prudência é levá-lo a conhecer a verdade, a fim de abraçá-la e salvar a alma. Com esse fim, o jovem procônsul manda vir Paulo e Barnabé, pregadores, dizia-se, da palavra do verdadeiro Deus. Infelizmente Sérgio, seguindo o costume de grande número de pagãos, tinha junto de si um mágico chamado Elimas, que era como o oráculo familiar do procônsul.

XIII

Esse Elimas era judeu de origem. A exemplo do famoso Simão de Samaria, que se chamava a Grande Potência de Deus, este se dera o apelido de Barjesu, filho do Salvador, sem dúvida por causa de suas curas verdadeiras ou pretensas. Como são Pedro tivera de combater Simão, são Paulo teve a mesma luta a sustentar contra Barjesu. É certo que, nessa época, nada era mais comum que os mágicos, dizedores de oráculos e fazedores de prestígios. Eram os homens do demônio, opostos aos homens de Deus. O mesmo fato se reencontra ainda hoje em todos os países idólatras.

XIV

Sentindo que ia perder o crédito, Elimas opunha-se à entrevista e, quando foi decidida, nada negligenciou para obscurecer a verdade aos olhos do procônsul. São Paulo lhe respondeu com um argumento que pôs fim à discussão. Feriu o mágico de cegueira temporária: justo castigo daquele que se esforçava por reter os outros na cegueira.

Crê-se que, a exemplo de Simão de Samaria, o mágico se converteu; mas que, tendo, como Simão, voltado ao seu vômito, morreu na impenitência final: tão difícil é, escreve um grande teólogo, reconduzir a Deus os miseráveis que têm comércio com o demônio.

XV

À vista do milagre, Sérgio Paulo renunciou sinceramente ao culto dos falsos deuses e pediu o batismo. Foi no ano 46 de Nosso Senhor, quarto do imperador Cláudio. Os generais e os imperadores romanos costumavam acrescentar a seu nome o das nações que haviam vencido. Vemos uns chamarem-se Numídico, Africano; outros, Pártico, Asiático, Germânico. Assim, para imortalizar sua gloriosa conquista, o grande Apóstolo tomou o nome de Paulo, em vez de Saulo, que tivera até então.

XVI

Foi nobre, com efeito, menos ainda pela qualidade do personagem que pela fidelidade com que correspondeu à sua vocação. Tendo posto em ordem os negócios de seu governo, Sérgio Paulo abdicou do proconsulado e tornou-se o discípulo dedicado do grande Apóstolo. Deixado em Chipre com o título de bispo, cuidou das cristandades nascentes com zelo, prudência e modéstia que lhe ganharam todos os corações.

Quando soube que são Paulo era conduzido a Roma para comparecer ao tribunal de César, Sérgio foi para lá por seu lado, a fim de suavizar o cativeiro de seu Pai e, se preciso, partilhar seus sofrimentos. Era no mês de maio do ano 59 de Nosso Senhor, terceiro de Nero.

XVII

A crueldade desse primeiro perseguidor da Igreja torna perfeitamente crível o que referem de nosso santo os atos tirados de antigos manuscritos e citados pelos Bolandistas. Lê-se ali:

> *No tempo em que um príncipe sacrílego perseguia com furor os cristãos e despedaçava seus corpos, notou-se entre os generosos confessores nosso bispo Paulo: valente soldado que deu glória a seu chefe diante da multidão, sem temer-lhe as ameaças.*

XVIII

> *Nada pôde abalar o corajoso atleta, nem a fome, nem os desprezos, nem os mais pavorosos tormentos. Dilaceraram-lhe o corpo, arrancaram-lhe as unhas dos dedos e moeram-no a golpes. Uma multidão de confessores colheu a palma do martírio sem ter sofrido tanto quanto Paulo. Deus queria sem dúvida conservar-lhe milagrosamente a vida, para que se tornasse a luz de nossas regiões e proporcionasse a nós e a nossos descendentes os benefícios da vocação ao Evangelho.*

XIX

Com efeito, o Apóstolo das nações, devolvido à liberdade, depois de um cativeiro de dois anos, pensou seriamente em executar o desígnio que formara de ir evangelizar as Espanhas.[2] Partiu de

Roma e atravessou as Gálias pregando o Evangelho. Para firmar sua obra, deixou no meio de nossas províncias meridionais alguns dos zelosos missionários que o acompanhavam: Trófimo em Arles, Crescente em Viena, Sérgio Paulo em Narbona.

XX

Graças ao estudo desinteressado de nossos monumentos primitivos, essa viagem do Apóstolo à Espanha e suas pregações na Gália Meridional estão desde agora fora de dúvida. Atestadas por santo Epifânio, Teodoreto, são Jerônimo, são João Crisóstomo, Beda, o Venerável, e por toda a antiga tradição das Igrejas espanholas e gaulesas, o Martirológio Romano as confirma.

A 22 de março, diz:

> *Em Narbona, na Gália, natividade do Bem-aventurado Paulo, bispo, discípulo dos Apóstolos e, segundo a tradição, o mesmo que o procônsul Sérgio Paulo, que, batizado pelo Apóstolo são Paulo, foi por ele deixado em Narbona e ordenado bispo dessa cidade quando ia à Espanha.*

XXI

Embora nomeado bispo de Narbona, são Sérgio não se deteve imediatamente nessa cidade. Veio primeiro a Béziers, onde pregou com grande êxito e construiu vários oratórios destinados à celebração dos santos mistérios. Tendo a fama das maravilhas que ali operava se espalhado até Narbona, onde o culto dos ídolos estava em grande honra, os habitantes, curiosos de ouvi-lo, enviaram-lhe uma deputação para pedir-lhe que viesse anunciar-lhes sua doutrina.

XXII

O santo acolheu favoravelmente o pedido deles e, tendo ordenado Afrodísio bispo de Béziers, dirigiu-se a Narbona.

Colônia romana, Narbona era então a primeira praça de armas dos romanos e a capital da província Narbonense. O número de seus habitantes, suas relações com os estrangeiros eram outros tantos meios de estender ao longe o reino do Evangelho. O bispo, procônsul de Jesus Cristo, chegou ali a 22 de março do ano 61 ou 62 de Nosso Senhor, quinto ou sexto de Nero.

XXIII

Tal é a tenacidade da tradição que ainda hoje, depois de dezoito séculos, a 22 de março e a 11 de dezembro, dia em que se celebra a morte do santo, toda a região apresenta um espetáculo que lembra os antigos dias de fé.

Nessas duas épocas, a cidade de Narbona e as regiões circunvizinhas se apressam em pagar a seu santo padroeiro o tributo de sua gratidão, de seu imperecível amor.

XXIV

Nesses dias, a vasta igreja de São Paulo não pode conter a multidão que ali se aperta desde as seis horas da manhã até as seis da tarde. Tal afluência é tanto mais notável quanto há muito tempo as festas de 22 de março e 11 de dezembro não são anunciadas nas paróquias vizinhas de Narbona e, contudo, continuam a oferecer a essas solenidades uma multidão de piedosos peregrinos.

Faz-se até, por essa ocasião, uma observação importante, porque confirma a antiga tradição sobre as pregações de são Sérgio: é que, a 22 de março, a maior afluência de estrangeiros vem dos lugares que ele deve ter atravessado para chegar a Narbona.

XXV

A atual igreja de São Paulo, objeto de tanta veneração, foi, segundo a tradição narbonense, edificada no lugar do oratório que o santo mandou erguer à Santíssima Virgem. Não longe dali há uma praça que ainda traz o nome de praça dos Infiéis e uma rua chamada rua Santa.

A mesma tradição explica essas denominações singulares. Refere que os habitantes da pequena praça resistiram primeiro às pregações de são Paulo, ao passo que os da rua Santa se mostraram dóceis, abraçando imediatamente o cristianismo.

XXVI

Contudo, a resistência não foi de longa duração. Mal entrado na cidade, o santo autorizou sua missão por um milagre esplêndido. O governador de Narbona acabava de morrer, deixando um filho possuído do demônio. O santo o libertou e lhe conferiu o batismo, bem como a sua mãe. Esse milagre determinou a conversão de uma multidão de pagãos duplamente tocados pelas virtudes do homem de Deus e por seu poder miraculoso.

Logo a cidade mudou de face. Os templos dos falsos deuses foram abandonados ou destruídos e, sobre suas ruínas, ergueram-se várias igrejas, entre outras um oratório a Maria, provavelmente o primeiro que o solo gaulês tenha trazido.

XXVII

O zelo de são Sérgio não pôde ser contido no recinto de sua cidade episcopal nem mesmo nos limites da província narbonense. A exemplo da maior parte dos bispos da Igreja primitiva, deixou momentaneamente sua sé para fazer novas conquistas. Partiu para a Espanha, que fora o primeiro fim de sua viagem. São Paulo ali pregava então, e tudo leva a crer que foi por suas ordens que Sérgio veio secundar seus trabalhos.

XXVIII

A tradição que dá fé dessas pregações tem por fiadores, entre todos, são Leandro e santo Isidoro de Sevilha, santo Ildefonso de Toledo, são Braulião de Saragoça. Os testemunhos desses ilustres arcebispos são confirmados por uma Bula do Papa Estêvão IV, dirigida a Selva, bispo de Barcelona, e depositada nos arquivos do arcebispado de Narbona, onde ainda se conservava no século XVII.

Enfim, o Martirológio da Espanha resume assim essa bela tradição:

> *São Paulo Sérgio, discípulo dos Apóstolos, veio à Espanha com o Apóstolo são Paulo e anunciou o Evangelho em Córdoba, em Barcelona e na maior parte das cidades da província.*[3]

XXIX

A lembrança dessa missão perpetuou-se de século em século e, ao testemunho dos autores da *Gallia christiana*, ainda era tão viva no século XVII que se via, em certas épocas do ano, uma multidão imensa de fiéis acorrer de todas as partes da Espanha a Narbona, feliz depositária do corpo de são Sérgio.

Daí vem que a metrópole de Narbona sempre teve posição muito distinta, não só entre as Igrejas das Gálias, mas ainda entre as Metrópoles da Espanha.

XXX

Garcia Loaysa, autor da coleção dos concílios desse reino, ao dar a circunscrição das sés episcopais, coloca Narbona em terceiro, em segundo e às vezes até em primeiro lugar das seis cidades metropolitanas dessa nação. É por isso que os antigos breviários do rito moçárabe continham uma memória especial de são Paulo de Narbona, bispo e confessor.

XXXI

Os sucessos combinados dos dois Paulos foram tais que as autoridades se alarmaram e tomaram a resolução de expulsar todos os operários evangélicos. Uma inscrição pagã parece ter sido feita de propósito para imortalizá-los:

> *A Nero, César, Augusto, por ter purgado a província dos salteadores e dos que ensinavam aos homens uma nova superstição.*

XXXII

Obrigado a deixar a Espanha, o grande Apóstolo voltou à Itália. Levou consigo são Sérgio, que voltou a visitar a ilha de Chipre. Ali estava ainda quando são Paulo foi decapitado. Avisado em sonho pelo grande Apóstolo de voltar às Gálias e à Espanha, são Sérgio embarca logo e aporta na Itália, acompanhado de dois diáconos, Estêvão e Rufo. Entra em Roma, dedica um oratório a seu mestre, faz confirmar sua missão e parte de novo para Narbona.

XXXIII

Continuando seu caminho por terra, chega a Carrara, onde cura o filho de uma viúva cega, em reconhecimento da hospitalidade que ela lhe dera. O brilho desse milagre põe a cidade em movimento. O santo vê-se obrigado a prolongar sua estada e tem a ventura de converter metade dos habitantes.

O procurador Sapríncio manda chamar o taumaturgo e lhe pergunta quem é. Sérgio recusa revelar-lhe seu ilustre nascimento e seus gloriosos antecedentes. *«Sou — diz — apóstolo de Cristo e discípulo de são Paulo decapitado.»*

Diante disso, Sapríncio manda lançá-lo ao mar com seus diáconos. O mar os respeita. O procurador ordena conduzi-los à prisão, atribuindo o respeito do mar a algum poder mágico. Sapríncio é ferido de morte; o povo liberta os prisioneiros e se converte.

XXXIV

De Carrara o santo se dirige a Pavia, a antiga Ticino. Essa cidade torna-se sua nobre conquista e prepara outra, de que Embrun foi o teatro. Ali havia um templo de Netuno, principal divindade da cidade. O santo o derruba; e, em lugar do usurpador, faz reconhecer o Senhor legítimo.

Continuando sua marcha triunfal, o procônsul de Jesus Cristo chega a Orange, onde passa três meses.

Ali vem reclamá-lo uma primeira deputação de narbonenses. Antes de deixar essa cidade, dá-lhe um bispo e faz erguer um oratório à Santíssima Virgem e a são Tiago.

XXXV

Tocado pela diligência dos narbonenses, o santo põe-se de novo a caminho, entra em Arles, onde dedica uma igreja a são Pedro e ordena vários sacerdotes. O barqueiro que lhe faz atravessar o Ródano afoga-se no rio. O santo o ressuscita, batiza-o e, no próprio lugar do batismo, dedica um oratório à Ressurreição.

Ao ruído do milagre, as populações vizinhas haviam acorrido e pedido para abraçar a fé, rogando ao santo que ficasse entre elas. A todas as instâncias semelhantes, muitas vezes reiteradas em sua passagem, respondia: *«Pertenço aos narbonenses: Narbonnicus datus sum.»*

XXXVI

Chegado a Béziers, o santo encontra uma segunda deputação de seus caros narbonenses. Entra em sua cidade, onde foi recebido como pai. Depois de consolidar e estender o reino de Jesus Cristo, o infatigável bispo visita Toulouse, opera numerosas conversões, ordena vários sacerdotes, passa de novo à Espanha e volta a Narbona.

XXXVII

Três aparições sucessivas do Apóstolo, seu Pai e seu mestre, lhe anunciam o fim próximo. Aproveita os últimos dias de seu apostolado para ordenar bispos seus dois fiéis diáconos Estêvão e Rufo. Designa o primeiro para seu sucessor em Narbona, o segundo para ocupar a sé de Avinhão.

Foi o último ato de sua vida. Logo depois entregou docemente a alma a seu Criador em sua própria igreja, onde estava em oração e onde foi sepultado em meio às lágrimas de seus filhos espirituais. Sua bem-aventurada morte ocorreu a 11 de dezembro do ano 100 de Nosso Senhor Jesus Cristo, a quem seja louvor e glória pelos séculos dos séculos. Amém.

XXXVIII

A lembrança do ilustre romano, de procônsul tornado apóstolo, bispo, missionário, confessor da fé, salvador dos povos, nunca se perdeu nos países por onde passou esse benfazejo meteoro. Para honra deles, é preciso dizer que os narbonenses têm ainda hoje tanta confiança em sua intercessão que o invocam em todas as aflições e que seu nome basta muitas vezes para inspirar-lhes na morte os sentimentos mais cristãos.

Não é raro também ouvir nas casas e às vezes no meio das ruas esta invocação: *«Meu Deus! São Paulo!»*, que marca quanto o nome do apóstolo da região ainda é popular, apesar do enfraquecimento da fé e do domínio dos interesses materiais.

Os restos do santo apóstolo de Barcelona permaneceram no lugar onde haviam sido depositados, cercados da veneração dos fiéis e do respeito dos séculos.

Até a época da revolução francesa, esse precioso tesouro foi a glória incomparável de Narbona. *Surget et Paulo pretiosa Narbo* (*«Erguer-se-á também Narbona, preciosa por Paulo»*), cantara Prudêncio, e esse pensamento se tornara o eco das gerações cristãs.

Nos dias nefastos de que falamos, o corpo sagrado do procônsul de Chipre foi indignamente profanado por outro procônsul. Eis a ata autêntica desse odioso sacrilégio. Referimo-la inteira por causa de sua importância na questão das relíquias de nosso santo.

XXXIX

> *No ano do nascimento de Jesus Cristo de 1795 e no dia onze do mês de dezembro, na igreja da paróquia de São Paulo da cidade de Narbona, departamento do Aude,*

> *Sendo bispo do dito departamento Guilherme Bezaucelle, pela graça de Deus e eleição dos fiéis do dito departamento;*

> *Sendo fabriqueiros da dita paróquia: Pedro Carpentier, Maria Lafourdie, Antônio Thiers, João Passet, João Ozeau, André filho e José Crouzet, Pedro Rieusset, André Durand e João Noyer, mandatários desta igreja;*

> *Nós, Jean-Pierre Durand, sacerdote e pároco desta paróquia catedral, São Justo e Pastor, e primeiro vigário do venerável dito bispo, assistido de nosso caro confrade Guilherme-Luís Trémolière, sacerdote, vigário episcopal do dito bispo e pároco da dita paróquia de São Paulo; de nosso caro confrade João-Paulo Destaville, sacerdote e também vigário episcopal; de nosso caro irmão José-Paulo Réveillon, sacerdote ligado à dita paróquia de São Paulo, e cercado de imenso concurso de fiéis desta cidade e dos arredores;*

> *Procedemos à elevação das relíquias do glorioso são Paulo, primeiro bispo de Narbona, a pedido que nos fizeram os fiéis, que desejaram restabelecer e expor na mesma igreja e sobre o mesmo altar à veneração do povo cristão os preciosos ossos do corpo de seu Pai na fé, que sua piedade e seu zelo haviam arrebatado aos inimigos do culto católico, que queriam fazer deles presa das chamas.*

XL

> *Para isso, depois de nos certificarmos da piedade, do apego à nossa santa religião e dos meios pelos quais os fiéis que nos trouxeram as relíquias do glorioso são Paulo as haviam obtido, tendo todos os fiéis reunidos na dita igreja nos dado bom testemunho e confirmado a verdade de tudo o que nos disseram a esse respeito, tendo visto, aliás, com que decência as haviam guardado enquanto eram depositários delas, julgamos, com toda a assembleia, que os ossos que nos foram entregues eram verdadeiramente as relíquias de são Paulo, primeiro bispo desta cidade.*

XLI

> *Em consequência, abençoamos o relicário onde essas relíquias foram depositadas depois da dita bênção, e mandamos pôr o dito relicário sobre o altar-mor do coro da dita igreja, no mesmo lugar onde seu corpo, milagrosamente conservado em toda a sua integridade por mais de quinze séculos, fora constantemente exposto à veneração dos fiéis e de que Nosso Senhor Jesus Cristo não cessara de manifestar a santidade por grande número de milagres que se operaram nessa igreja por sua intercessão, em favor de todos os que com fé invocaram sua poderosa proteção.*

XLII

> *E ainda a pedido dos fiéis, de constatar na presente ata a violência que foi feita para retirar dessa igreja o corpo do glorioso santo confessor, foi dito e*

> *reconhecido pela assembleia que foi a 10 do mês de março do ano passado, 1794, que um representante do povo francês, chamado Milhau,[4] em missão no exército dos Pireneus Orientais, revestido de poderes ilimitados, da seita de Calvino, furioso contra o culto católico, as honras que nele se prestam aos santos e a suas relíquias, abusando dos poderes que lhe eram confiados, empreendeu no dito dia fazer retirar e lançar às chamas o relicário e corpo de são Paulo, a mais bela relíquia que havia no mundo, tanto por causa de sua antiguidade quanto da integridade da milagrosa conservação do dito corpo.*

XLIII

> *Para consegui-lo, ordenou, sob pena de morte, a todos os cidadãos que compunham a guarda nacional desta cidade que se dirigissem às duas horas da tarde à igreja de São Justo e Pastor, que fora tomada ao culto católico para fazer dela um templo dito da Razão, com proibição de sair até nova ordem, sob a mesma pena.*

> *E logo que a guarda nacional estava reunida no dito lugar, enviou um destacamento considerável de tropas, que cercaram a igreja de São Paulo. E o chamado Tarteron, outro calvinista, que comandava as ditas tropas, entra na igreja com certo número de soldados de confiança, manda quebrar o relicário a golpes de machado e retirar o corpo do santo para lançá-lo às chamas.*

XLIV

> *Mas os soldados católicos que ali se achavam, as mulheres e seus filhos se apressaram, ao primeiro rumor, a acorrer e retiraram, apesar de todos os perigos, tudo o que puderam. Daí vêm os restos de ossos, vestes pontificais, madeira do relicário e até pedaços de mármore que foram trazidos e que expusemos hoje, 11 de dezembro de 1795, à veneração dos fiéis, e assinamos a presente ata com todos os sacerdotes acima mencionados e os fabriqueiros desta paróquia, a qual ata foi feita em duplicata, uma para ser depositada no dito relicário e servir de título autêntico da verdade das relíquias nele depositadas e a outra para ser entregue a nosso venerável bispo.*

Seguem as assinaturas.

XLV

As parcelas do corpo de são Paulo escapadas às chamas e roubadas ao furor da impiedade foram postas num relicário feito sobre o modelo do antigo e colocado, como outrora, sobre o tabernáculo do altar-mor de sua igreja, onde são sempre objeto do culto ardente, não só dos habitantes da cidade, mas dos arredores e até dos países vizinhos.

XLVI

O ódio feroz dos revolucionários de 93 e de 1871 contra as igrejas católicas, contra as relíquias dos santos, contra os sacerdotes, enche a alma de dor e de temor.

Contudo, o fiel encontra nele uma prova esplêndida de sua fé.

De onde vem que todos os ímpios, revolucionários de outrora e de hoje, só queiram mal ao catolicismo, ao passo que deixam em paz os protestantes, seus ministros e seus templos; os judeus, seus rabinos e suas sinagogas; os maometanos, seus marabutos e suas mesquitas? A resposta é fácil: sabem por instinto que, sendo o catolicismo a Verdade, só ele é seu inimigo. Seu ódio é a medida de sua fé.

SÓ SE CRÊ NO QUE SE TEME, E SÓ SE TEME O QUE SE CRÊ.[5]

Notas

[1] *Sergestusque, domus tenet a quo Sergia nomen.* («E Sergesto, de quem a casa Sérgia tem o nome.») (*Æneid.*, lib. V.)

[2] Rm XV, 28.

[3] Tamásio Salazar, *Martyrol. hispanic.*

[4] Segundo o costume ordinário de todos os incorruptíveis adoradores da deusa Razão, Milhau era acompanhado, em Narbona, de uma prostituta, chamada Vitória, que se viu, alguns anos depois, atada à golilha numa das praças de Toulouse.

[5] Ver: *Onomasticon Romanum*, litt. P; Petrus de Natal., *Catalog.*, lib. I, c. 60; *Brév. de Carcassone*, 11 décembre; Jacques de Lusignan, *Hist. de Chypre*, c. 13; Cor. a Lapid., *in Act.* xiii, 2; S. Hier., *Epist. ad Philemon.*, *in Act.* xiii; Baron., an. 36, n. 10; id., an. 59, n. 4; *Vie de S. Sergius Paulus*, por Denos, doutor em teologia da univ. de Toulouse, 1650; *Acta SS.* 22 mars; M. Probitaille, *Vie de S. Paul Serge*, p. 21 et suiv.; Ambr. Morales, lib. IX, c. 11; *Brev. Tarraconeus*; L. Dexter, *Chronic.* an. 64 e 66; Bernard Adon, *Chroniques*; *Archives de la maison de ville de Narbonne*, 3 col., feuille 31; Odéric Vital, *Hist. Eccl.* lib. 2; Lucius Marinæus Siculus, *De rebus Hispaniæ*, lib. IX; *Vie de S.*

Théodard, na Biblioth. de Toulouse; *Martyrol.* d'Usuard, de Notker, de Bède; S. Adon, arq. de Vienne, em seu livro das *Festas dos Apóstolos*; *Martyrol. Rom.*, 22 mars; Coleção Doat, na Bibl. imperial, Paris, desde o vol. 47 até o vol. 58; *ibid.* os manuscritos 2838, 5302, 5304, 5308, 5515, do antigo fundo latino, etc.

Revision #1
Created 27 November 2026 01:06:51 by Admin
Updated 27 November 2026 01:06:51 by Admin